



A PERSONAGEM FEMININA E A BUSCA PELA LIBERDADE NO CONTO: ENCONTROS (2008), DE LYA LUFT

Marcela Gizeli Batalini¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar, sob o olhar da crítica literária feminista, a personagem feminina, bem como, a busca da liberdade por essa personagem no conto de Lya Luft: *Encontros*, publicado no livro *O silêncio dos amantes*, 2008. Levando em conta o fato de a tradição literária brasileira ter sido, por um longo período, povoada pela produção masculina, pelo reconhecimento e valorização da escrita ligada aos moldes masculinos, e a mulher representada nessa literatura por meio de papéis sociais limitantes como esposa, mãe e dona-de-casa, entendemos que é a partir do resgate e do estudo da presença das mulheres na literatura, que somos capazes de desconstruir representações e estereótipos sociais construídos acerca do universo feminino. Portanto, utilizaremos na análise da personagem autores como: BAUMAN (2005); BOURDIEU (2005) e BUTLER (2010), ao trabalharem questões como a construção de uma identidade, processos de dominação e opressão da mulher na sociedade e as questões de gênero, caracterizando-se, então, como pesquisa de cunho bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade; Literatura; Mulher.

1 INTRODUÇÃO

Conhecendo a importância da literatura de autoria feminina, “esquecida” ou julgada como inferior, “menor”, por um longo período, na tradição literária, consideramos importante a recuperação e estudo dessas obras. Pois, somente analisando-as, temos condições de desconstruir visões pautadas apenas na diferença entre gêneros, representando o feminino na literatura por meio de um corpo frágil e delicado de mulher, pela necessidade de proteção e cuidado vindo de um homem, pelo espaço privado e limitado do lar.

Logo, é nesse sentido que pretendemos contribuir com o desenvolvimento do presente trabalho. Analisando a personagem feminina, sob a ótica da crítica feminista, e procurando entender como esta personagem é descrita, seus anseios, a questão de pertencer ao gênero feminino e a significativa busca pela liberdade que permeia todo o conto.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM- PR); Aluna do curso de especialização em: *Formação de Professor de Língua Materna e Língua Estrangeira: práticas reflexivas, metodológicas e tradutórias* da Universidade Estadual de Maringá (UEM- PR); integrante do projeto de Literatura de autoria feminina no Paraná, financiado pela Fundação Araucária; marcelabatalini@hotmail.com

2 MATERIAL E MÉTODOS

O conto selecionado, *Encontros*, faz parte do livro *Silêncios dos amantes*, de Lya Luft, publicado em 2008 pela editora Record. Tratando-se de uma obra de autoria feminina, iniciamos o levantamento do material teórico pela contextualização acerca dos problemas de gênero estudados pela crítica feminista, a representação social da mulher, bem como, a construção da personagem feminina na literatura, visando, por meio de pesquisa bibliográfica, analisar a protagonista do conto em questão.

Nesse sentido, o presente trabalho destina-se a acadêmicos, pesquisadores e professores da área de letras, assim como aos interessados no estudo da literatura brasileira e do percurso da literatura de autoria feminina na atualidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando levamos em conta a busca pela liberdade que permeia todo o conto precisamos atentar para questões como a limitação dos seres humanos às categorias de gênero: masculino e feminino, pois como considera Campos (1992): “Ambos, homens e mulheres são prisioneiros do gênero, ainda quando diferentemente” (p.123).

A personagem, sendo do sexo feminino, é retratada como alguém que foi educada, direcionada pela própria família, a aceitar que sexo e gênero são dissociáveis, “que a biologia é o destino” (BUTLER, 2010, p.24), ou seja, a ignorar que gênero, na realidade, “é culturalmente construído” (BUTLER, 2010, p.24).

Nesse sentido, ela passa a conceber que ser do gênero feminino limita-se a cumprir papéis sociais como: esposa, mãe e dona-de-casa. O que justifica pensar a cada retorno para casa que “Este é meu lugar no mundo” (LUFT, p.101), o mundo privado designado à mulher, como pontua Bourdieu (2005): “as mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço doméstico” (p.72). Assim como, ao fazer as compras do supermercado, com a lista em mãos, convencer-se de que: “Essa é a minha tarefa no mundo” (LUFT, p.101), assumindo todas as “coisas a serem feitas (...) normais ou extraordinárias, para tal ou qual categoria, para um homem ou para uma mulher” (BOURDIEU, 2005, p.72), como se fossem “da ordem do senso comum” (CAMPOS, 1992, p.113).

Mas, em meio às fugas de pensamento, passa a achar que “o trabalho estava mais cansativo”, “tudo no marido a irritava” e “andava mais inquieta e distraída” (LUFT, p.101). Demonstrando a necessidade da personagem de buscar a completude de seu ser e deixar a rotina que estava lhe tomando, pouco a pouco, a força para lutar pela posse de si, pela liberdade.

É por meio do olhar-se no espelho “instrumento que permite não só se ver, mas também se fazer ver como deseja ser vista” (BOURDIEU, 2005, p.83) que “Num outro dia”, “saindo do banho” (LUFT, p.102), a protagonista tem coragem de examinar-se de frente: “olhando-se no espelho, nua, examinou-se de frente” (LUFT, p.102). O que nos indica o desejo de existir para si. Ao mesmo tempo em que, simbolicamente, vê o nascimento de suas asas: “duas listras nascendo logo debaixo dos ombros e descendo até quase a cintura: convexas, saltadas como cicatrizes enormes, dois dedos de largura” (LUFT, p.102).

A partir desse nascimento das asas, “insatisfeita com tudo, a mulher resolveu trocar a cor do cabelo, de um castanho comum por um quase-vermelho brilhante” (LUFT, p.102), essa mudança reflete não só na cor do cabelo da personagem, mas implica a passagem de uma mulher comum assinalado pelo: *castanho comum*, para a busca por uma identidade própria notada pelo *quase-vermelho*, ou seja, nada que possa-se definir com exatidão, classificar; eis a liberdade.

Mas, esse libertar-se, a construção de uma identidade própria não ocorre de maneira tão simples e pacífica, carrega consigo o “esforço e um terror inicial” (LUFT, p.103), pois como postula Bauman (2005): “Na maior parte do tempo, o prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo” (p.45). O prazer de notar que “se abriam duas asas” (LUFT, 103), que a personagem pode ser livre, não ser aprisionada em um gênero ou em uma identidade socialmente construída, traz consigo o medo de não se saber o que vem pela frente, nem quais as consequências. Podem querer “interná-la como doida” (LUFT, p.104) ou “querer operar e cortar as asas” (LUFT, p.104) ou ainda “botar na televisão como monstro” (LUFT, p.104).

Ou seja, retomando a construção de mulher como anjo ou monstro, sendo a mulher monstro: “associada à bruxa, à louca histérica, ao ser maligno (...) à *femme fatale*” (ROSSI, 2007, p.22). Porque de alguma maneira, incorpora “características masculinas—ativas, portanto — que a tornam independente” (ROSSI, 2007, p.22).

Essa possibilidade de independência entra, então, em conflito com as características representativas do gênero feminino, caracterizando as mulheres que lutam pela liberdade como não-femininas, pois pertenceria ao gênero masculino a independência, a liberdade de ocupar o “universo público”, e revelaria ao mesmo tempo, que aprisionar-se em um gênero, aceitar uma identidade como representativa de mulher, unindo todas as mulheres em um única figura, com uma única identidade “seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (BAUMAN, 2005, p.60).

No entanto, é a partir do momento que deixa de apenas “examinar-se” para enfim “contemplar-se” como sujeito: “E, quando se contemplou, achou-se belíssima. Achou-se especial” (LUFT, p.103), que deixa de lado uma identidade comum para “experimentar a experiência prática do próprio corpo” (BOURDIEU, 2005, p.80), ser livre ainda sendo mulher “como uma mariposa gigante, sobrevoava o cotidiano, enxergando tudo de outra perspectiva, mais completa e mais vasta” (LUFT, p.104), não mais limitada e parcial devido à sua “condição de mulher”, ou ao “pertencer” ao gênero feminino, afinal, cada vez mais “(...) suas grandes asas se desdobravam” (LUFT, p.105).

4 CONCLUSÃO

O conto *Encontros* (2008), de Lya Luft, traz de forma clara toda a inquietude, o medo e o prazer da protagonista, em buscar sua liberdade, simbolicamente descrita com o “nascer de duas asas” abaixo das omoplatas.

É na busca por ser dona de si, por apropriar-se do próprio corpo, que a personagem depara-se então com todas as limitações e implicações de “aprissonar-se” homens e mulheres em gênero masculino e feminino. Designando papéis sociais a serem cumpridos como ordem natural das coisas. Fazendo-a acreditar que por ser mulher, a casa é seu “lugar no mundo” (LUFT, p.101), que ir ao supermercado, cuidar dos filhos, limpar a casa é sua “tarefa no mundo” (LUFT, p.101).

A partir do momento em que se dá conta do nascimento das asas: “duas listras nascendo logo debaixo dos ombros” (LUFT, p.102), apesar de sentir “um terror inicial” (LUFT, p.103), aos poucos, entende que libertar-se pode trazer consigo o medo por não se saber quais as consequências, mas propicia “enxergar tudo de outra perspectiva, mais completa e mais vasta (LUFT, p.104) e não fazer da existência apenas o cumprimento das funções sociais de mãe, esposa e dona-de-casa.

Por meio desta análise, procuramos incentivar mais pesquisas e estudos no campo da literatura de autoria feminina, posta a margem na história da tradição literária, por não ser considerada “alta literatura” e, propiciar principalmente, análises acerca da construção da personagem feminina descrita e representada durante muito tempo sob o olhar masculino.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria H. Kühner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAMPOS, Maria C. C. Gênero. In: JOBIM, José Luís. **Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LUFT, Lya. Encontros. In: LUFT, Lya. **O silêncio dos amantes**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ROSSI, Aparecido D. **Seria a pena uma metáfora do falo? ou a inquietante presença da mulher na literatura**. Ícone: Revista de Letras, São Luís de Montes Belos; v. 1, p. 20-41, dez. 2007. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>. Acesso: 20/06/2011